

ANUÁRIO DA POESIA PARAENSE PARA CATALOGAÇÃO DE ESCRITORES E A CIRCULAÇÃO DE POESIA

Kassia Juliana da Silva Sampaio¹

Abilio Pachêco de Souza²

Resumo: Este artigo é resultado de uma pesquisa em andamento sobre a poesia de teor testemunhal na região sul e sudeste paraense com a finalidade de realizar um mapeamento da produção poética da região que tematize a realidade social da região. Parte desta pesquisa é realizada através da leitura dos poemas publicados numa série de antologias intituladas Anuário da Poesia Paraense, organizadas pelo poeta Airtton Souza. Neste texto procuramos indicar a importância do Anuário no contexto da cena artístico-literária da cidade de Marabá e seu entorno. Cena composta por eventos, saraus, tributos musicais, contação de história, exposições, lançamentos de livros individuais, coletivos e antologias como os anuários, além da presença de academias e associações. Após destacar o Sarau da Lua Cheia, apresentamos neste cenário, o *Anuário da Poesia Paraense* que se apresenta como uma antologia anual publicada com o intuito de mapear, catalogar e arquivar os nomes de poetas que nasceram e/ou que residem no estado do Pará.

Palavras-Chave: Antologias. Literatura amazônica. Poesia. Arquivo.

¹ Estudante de Letras na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). É bolsista PIBIC-FAPESPA, com o plano de trabalho: "Poesia, testemunho e resistência no Sul e Sudeste do Pará na voz dos autores da região publicados no Anuário da Poesia Paraense". Endereço eletrônico: juliana.sampaio@unifesspa.edu.br.

² Doutor em Teoria e História Literária (UNICAMP, estágio sanduíche na Universidade Livre de Berlin). É líder do grupo de Pesquisa LAERTE (Estudos de Resistência e Testemunho). É professor na Faculdade de Estudos da Linguagem e no Programa de Pós-Graduação em Letras (POSLET), ambos do Instituto de Linguística, Letras e Artes, da Universidade Federal do Sul e Sudeste Paraense (UNIFESSPA). Endereço eletrônico: abiliopacheco@gmail.com.

PARAENSE POETRY'S INVENTORY FOR CATALOGUING OF WRITERS AND CIRCULATION OF POETRY

Abstract: This article is the result of an ongoing research about the oral poetry in the Southern and Southeastern regions of the state of Pará (Brazil) and it aims at mapping out the poetic production of those regions which themed its social reality. Part of this research is being carried out through reading of poems published in a series of anthologies entitled *Paraense Poetry' Inventory*, organized by the poet Airton Souza. In this text, our purpose is to emphasize the prominence this Inventory within the artistic and literary scene of Marabá town and its vicinities. Such scene comprises events, soirees, musical tributes, storytelling, exhibitions, individual or book collections, anthologies in the format of inventories, as well as academies and associations. After giving emphasis on Lua Cheia soiree, we present in this context, the *Paraense Poetry's Inventory*, which stands out as an annual anthology published intended to register and archive the names of poets who were born and/or reside in the state of Pará.

Keywords: Anthologies. Amazonian literature. Poetry. Archive.

Sarau da lua cheia e o cenário artístico-literário da região Sul e Sudeste

No dia 25 de junho de 2021, ocorreu a 100ª edição do *Sarau da Lua Cheia*, evento organizado pela Associação de Escritores do Sul e Sudeste do Pará (AESSP) e idealizado por Airton Souza e Eliane Soares Machado, ambos os poetas e à época à frente da AESSP. Segundo a fanpage do Facebook do evento³ "o Sarau da Lua Cheia nasceu em março de 2013

³ Página do Facebook: <https://www.facebook.com/Sarau-da-lua-cheia-711373392241349>.

na cidade de Marabá, com o objetivo de divulgar a poesia em toda a sua plenitude!”. Como o próprio nome indica, o sarau ocorre nas noites de lua cheia, o que resulta em 12 ou 13 edições por ano, já que o ciclo lunar não segue a regularidade do calendário mensal.

Reunindo poetas, escritores, músicos e pessoas interessadas em artes em geral, o sarau é um evento itinerante. Nestas 100 edições ocorreu em vários espaços públicos da cidade de Marabá, tais como: os campi das universidades (UNIFESSPA e UEPA), escolas, sedes de associações, bibliotecas públicas, restaurantes, praças e até mesmo na Praia do Tucunaré (um balneário de água doce no meio do rio Tocantins). Durante a pandemia, as edições do sarau ocorreram através de plataformas de reuniões, mas também em espaços privados, a fim de poder melhor controlar a quantidade de público e respeitar as normas de distanciamento social. Mesmo neste caso, ocorreu transmissão pela internet.

Como na maioria dos saraus, durante o Sarau da Lua Cheia, ocorreram leituras e declamações de poemas, leituras de textos em prosa, pelepas de cordel, música (voz e violão), mas também ocorreram lançamentos de livros individuais, de livros coletivos, de antologias, mas também realização de comemorações como aniversários de integrantes da AESSP e mesmo bodas de casamento. Não há um roteiro comum a ser seguido em todas as edições, nem as edições do sarau apresentam um roteiro prévio. O microfone fica aberto para todos que desejarem ler um poema de outra pessoa ou, de preferência, da própria autoria.

Ao saudar o primeiro aniversário do Sarau (o sarau XII, que ocorreria no dia 14 de fevereiro de 2014, no campus I da UNIFESSPA), Cláudia Borges, ressaltou a importância do evento para a cidade de Marabá que completara 100 anos no ano anterior, destacou “a valorização da leitura e do livro e o debate acerca do fazer literário, tanto regional quanto nacio-

nal, como um dos objetivos do projeto, enfatizou os nomes de alguns autores participantes e a participação numerosa e diversificada do público. Para ela, o contexto de realização dos saraus representa um “momento dedicado para apresentar a Literatura de maneira viva, dinâmica e prazerosa, por meio da leitura de textos, proporcionando a comunidade, o conhecimento de autores da cidade e conhecidos nacionalmente”. E observou que “a semente está multiplicando-se pela cidade” (BORGES, 2014).

Não só pela cidade, mas também por toda a região sul e sudeste do Pará. O Sarau, embora motivador e dinamizador de ações culturais, deve ser observado num cenário artístico e literário mais amplo do qual faz parte e do qual também fazem parte: outros saraus que existiram mas não tiveram continuidade, feira de artesanato onde sempre há pelo menos uma barraca de venda de livros de autores da região (principalmente a barraca do poeta Airton Souza), associações de fotógrafos e artistas visuais, realizações de exposições temáticas (como Ver-a-cidade, por ocasião do aniversário da cidade, e o Mulheril, exposição com obras de mulheres artistas visuais), safáris fotográficos, exposições abertas e itinerantes de artistas locais renomados e de artistas locais com repercussão nacional (como Marcone Moreira), exposições fotográficas em espaços diversos, tributos musicais (em homenagem a grandes nomes da música), grupos de contação de histórias (Historiar-te, Marabá Leitora etc.), atividades em bibliotecas (tanto na biblioteca pública Orlando Lima Lobo, administrada pela prefeitura, quanto na biblioteca do SESC, bem como de uma ONG, da poeta e multiartista Lara Borges), artistas visuais e autores da região se notabilizando em premiações nacionais (como Fiana Lima, gravurista, Bertin di Carmelita, cantor, e Airton Souza, vencedor de mais de 15 prêmios literários nacionais nos últimos 10 anos), concursos e premiações literárias de iniciativa própria (como o Prêmio Amazônia) sendo realizado a partir da região, fundação, instalação e funcionamento de várias enti-

dades literárias (5 academias de letras, associações de artistas plásticos, associações de escritores, grupos de contação de história...), clubes de leitura (como o Leia Mulheres, que existe nacionalmente), vários projetos de iniciativa dos próprios autores (como o projeto Tocaiúnas, série de livros individuais a serem vendidos por R\$ 5,00), lançamentos de livros individuais de poemas (cerca de 300 nos últimos cinco anos), lançamento de antologias literárias das associações, bem como antologias de iniciativa dos próprios autores, participação em antologias organizadas fora do estado...⁴ Estas ações são apenas aquelas a que tivemos conhecimento e contato. Certamente várias ações culturais escaparam ao nosso radar. Neste contexto, destacamos aqui uma antologia organizada anualmente, intitulada *Anuário da Poesia Paraense*.

Antologias literárias: um pouco de sua história

O Anuário da Poesia Paraense recebe este nome por ser publicado a cada ano. As vinculações ao ano de publicação param por aí. Os poemas publicados, a chamada para participação não explicita nenhuma outra vinculação ao tempo presente. Estando os autores livres para escolherem poemas conforme seus próprios critérios. Neste sentido, é importante entender a publicação como uma antologia com periodicidade anual.

A palavra “antologia” vem do grego e significa “ação de colher flores, coleção de flores escolhidas; florilégio, coleção de textos em prosa e/ou em verso, geralmente de autores consagrados, organizados segundo tema, época, autoria etc.” (HOUAISS, 2001, p. 239). “As antologias são recurso

⁴ No mundo digital, mesmo antes da pandemia, mas com ações intensificadas do ano passado para cá, também podem ser ressaltadas atividades de artistas da região. É o caso do Canal no youtube, Conta.gabi, e a pulverização de podcasts de literatura, a maioria deles ligados às atividades da UNIFESSPA.

bastante antigo: seletas, florilégios, panoramas, coletâneas são algumas designações para estas reuniões de textos e autores”, como afirma Tonon (2009, p. 12). Sua consolidação como gênero se dá no século XVIII, na Inglaterra, devido ao “volume crescente de literatura impressa e aumento do público letrado” (SERRANI, 2008, p. 1-2).

No Brasil, a eclosão das antologias acontece no século XIX. De acordo com Clarissa Garcia Guidotti (2010, p. 207), o Romantismo foi, também, motor para a propagação do gênero, pois “partindo da concepção romântica de literatura como expressão da nacionalidade, a disciplina que então se configurava foi a responsável pela elaboração de um discurso que atestaria a existência de uma unidade cultural nessas nações”.

Com a recém Independência do país, as antologias também desempenharam um papel fundamental “para afirmar a autonomia brasileira em relação a Portugal”, pois “a crítica buscava uma definição das características da nossa literatura, as quais serviriam de diretrizes para os próximos escritores”, diz Guidotti (2010, p. 207). Tonon (2009, p. 10) afirma que “as primeiras antologias brasileiras são encontradas no início do século XIX, tendo como marco o Parnaso brasileiro, de 1831, organizado pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa”.

Ainda segundo Clarissa Garcia Guidotti, as primeiras antologias

buscavam contar a história da literatura brasileira, não apenas pelos ensaios e introduções sobre a literatura no país que acompanhavam as seleções de poemas, mas pela declarada intenção dos autores de criar um acervo de obras a partir das quais seria contado o percurso das letras brasileiras desde o descobrimento do país (GUIDOTTI, 2010, p. 207).

As antologias assumiram uma função canônica pelo fato de trabalharem a favor da criação de uma lista de autores

representativos de uma literatura. O que de melhor representasse a produção nacional de acordo com os interesses vigentes à época eram escolhidos — através da visão pessoal do crítico — para integrar as coleções (GUIDOTTI, 2010, p. 207).

A autora continua dizendo que o princípio de exclusão e permanência constitui a relação entre antologias e cânone, pois “tanto o cânone, quanto as antologias têm sua origem no processo de afirmação de certos modelos e de marginalização de outros” e que “a seleção que as antologias promovem funciona de forma similar à seleção que o cânone também realiza para incluir ou excluir obras e autores da história literária.” Por este motivo, as antologias também funcionam como transmissoras da herança literária das gerações passadas e fornecem os modelos e as inspirações para as gerações futuras (GUIDOTTI, 2010, p. 2013-2014).

Guidotti finaliza argumentando que

cada antologia, portanto, pode ser encarada como um cânone. Ela é tanto um cânone particular, que envolve a visão pessoal do antologista, quanto um cânone crítico, expondo vínculos a certas concepções estéticas e teóricas sobre a literatura. Ou seja, há uma dialética cultural em ação: antologias transmitem gostos particulares ao mesmo tempo que são influenciadas pela cultura maior que elas ajudam a criar (GUIDOTTI, 2010, p. 214).

Outro atributo das antologias é o seu caráter pedagógico, pois desempenharam um importante papel no ensino de língua e literatura na primeira metade do século passado. Nas antologias era onde se encontrava textos “exemplares” para o aprendizado da leitura e da escrita, sendo, assim, predecessoras do que hoje chamamos de livro didático (TONON, 2009, p. 12). Esta visão é confirmada por Guidotti (2010, p. 6) ao dizer que “as antologias se afirmaram dentro da escola como um importante apoio no ensino de literatura”.

Guidotti argumenta ainda que o antologista pode ser “considerado como um mediador da leitura, que irá orientar o leitor ao longo da obra, apresentando a ele apenas o que, supostamente, melhor representa o período, movimento, autor ou temática”. E que “através delas [antologias], é possível acessar de forma fácil e rápida fragmentos de muitos autores e obras representativos de uma literatura” (GADOTTI, 2010, p. 6).

Assim, nota-se que a antologia possui finalidades múltiplas, como diz Benedict:

A antologia é gênero discursivo que oferece muita informação sobre o modo em que se escreve e lê literatura e sobre seu papel em uma cultura e época dadas e, como se sabe, o gênero contribui diretamente para formar e transformar cânones, confirmar reputações literárias e estabelecer ou interferir em práticas letradas de gerações de leitores (BENEDICT *apud* SERRANI, 2008, p. 1).

Em relação aos modos organizacionais da Antologia, Alfonso Reyes (*apud* GUIDOTTI, 2010, p. 210) argumenta que “os textos podem ser selecionados a partir de dois critérios: pelo gosto pessoal do organizador ou por critérios históricos, objetivos”. Nos dois casos, de acordo com Alfonso Reyes, a obra final atinge um caráter de criação, enquanto a antologia torna-se autor desta criação, pois dá origem a uma obra totalmente nova.

O que caracteriza uma antologia, Para Emmanuel Fraisse (*apud* GUIDOTTI, (2010, p. 210) “não é a natureza dos textos que ela reúne, que podem ser literários, jurídicos, filosóficos, religiosos, documentos históricos, pinturas, fotografias, entre outros, mas a forma como essa antologia é organizada”. De acordo com Fraisse, os critérios de organização e os paratextos constituem o principal elemento de definição da antologia e de diferenciação de outras formas de reunião de textos. Segundo o pesquisador, “sem o olhar organizador,

perceptível a partir do “aparato crítico” — prefácios, posfácios, notas bibliográficas e biográficas, notas explicativas — não pode haver a verdadeira antologia, há apenas a “forma antológica”. Fraise, assim como Reyes, também vê a antologia como uma criação literária do antologista.

Assim, observa-se que a concepção do que é — ou não — antologia, pode variar, pois Guidotti (2010, p. 211) mostra que o posicionamento de Emmanuel Fraise é divergente do de Alfonso Reyes. Enquanto Fraise “estabelece como critério essencial a visão crítica do antologista explicitada a partir dos paratextos”, Reyes “busca abranger também aquelas reuniões de textos que têm como critério apenas o gosto pessoal do seu criador”.

Silvana Serrani (2008, p. 2) apresenta também os elementos paratextuais necessários para compor uma antologia, citando “suas fontes primárias — os textos selecionados na compilação — e suas fontes secundárias — os prólogos, prefácios, estudos preliminares, posfácios, bibliografias de autores ou tradutores e notas”.

Anuário da Poesia Paraense como uma antologia periódica

O *Anuário da Poesia Paraense* é uma antologia poética que publica, anualmente, poemas de autores nascidos ou radicados no Estado do Pará. A ideia de elaboração do Anuário surgiu inspirada numa antologia organizada no estado do Tocantins. Airton Souza (2015), idealizador do Anuário, afirma que o “projeto nasceu, vindo ideariamente de outras paragens, de outro projeto já consolidado no Estado do Tocantins”.

Os livros físicos do Anuário são impressos no formato 16x23. O tipo de letra utilizada varia em cada edição: o I livro foi impresso em Garamond; os livros II e III foram impressos em Adobe Caslon 13; a edição IV utilizou as fontes Adobe

Garamond Pro corpo 12 e Ar Bonine corpo 24; no livro V foi utilizado a Tipografia Crimson Text 12 pt; e a edição VI foi impressa em Andada e Montserrat. Em todas as edições utilizou-se papel pólen 80g/m² para a impressão.

A quantidade de autores publicados também varia em cada edição: no Anuário I estão publicados 50 autores: 26 homens e 24 mulheres; a II edição do anuário tem 38 autores: 19 homens e 19 mulheres; a III edição possui 44 autores: 18 homens e 26 mulheres; no IV Anuário há 73 autores: 31 homens e 42 mulheres; a edição V conta com 62 autores: 31 homens e 31 mulheres; por fim, no Anuário VI estão publicados 59 autores, sendo 26 homens e 33 mulheres.

De acordo com as informações supracitadas, observa-se que há maior quantidade de autoras mulheres do que autores homens publicados nos Anuários.

Em levantamento feito nos Anuários I e II, constatou-se predominância de autores da região sul e sudeste do Pará. Dos 50 autores publicados no Anuário I, 35 nasceram e/ou residem em municípios da região sul e sudeste do Pará; e dos 38 autores presentes no Anuário II, 22 deles também pertencem à região sul e sudeste do Pará.

Todas as edições do Anuário possuem uma breve biografia dos autores publicados. Os textos das biografias geralmente informam o local de nascimento ou moradia, a formação acadêmica e atividade profissional, os projetos e associações dos quais fazem parte, e algumas das publicações anteriores dos autores. Nas edições IV e V as biografias dos autores aparecem todas juntas no final do livro, em páginas dedicadas especificamente para este fim. E nas edições I, II, III e VI, a biografia do autor está localizada logo após seu poema, no final da página. Devido à importância destes pequenos textos para a compreensão geral do Anuário, a leitura e interpretação deles demandam um trabalho à parte, ainda a ser desenvolvido.

Em relação ao projeto do Anuário, o organizador Airton Sousa (2015, p. 8) escreve no prefácio da primeira edição que “Um grande diferencial deste livro é abrir espaço para outros segmentos estéticos. Assim, adotamos a ideia de homenagear um artista plástico paraense a cada edição desta obra”. As capas de todas as edições do Anuário contam com a imagem de uma ilustração, pintura ou fotografia dos homenageados. Os títulos das obras que estampam as capas não são informados pelo organizador.

Os homenageados são: Elieni Tenório, artista plástica homenageada no *I Anuário da Poesia Paraense*; a II edição do Anuário tem como homenageada a multiartista Creusa Salame, que é poeta, escritora, artista plástica e professora; o *III Anuário da Poesia Paraense* homenageia pelo terceiro ano consecutivo uma artista mulher, a artista plástica Dona Z, que é pseudônimo de Ezita Silva Machado; a artista plástica Aldemira Aguiar é a homenageada da IV edição do Anuário; o *V Anuário da poesia Paraense* homenageia o artista plástico e poeta Jeová Barros. Jeová é o primeiro artista homem homenageado no projeto; a obra que ilustra a capa do VI Anuário da poesia paraense pertence à Danielle Fonseca, que é a homenageada da edição.

Segundo Airton Souza (2016, p. 7), o projeto “visa entre muitas outras questões mais complexas, divulgar a poesia desse tempo que vem sendo produzida dentro do Pará e mapear nomes de poetas e suas geografias”. No prefácio da VI edição, comenta ainda que:

esse projeto é uma pequena mostra das poéticas que vêm sendo produzidas no Estado do Pará. Configurando em si mesmo material histórico, porque ajuda a mapear as ações poéticas de várias regiões do Estado. Principalmente, trazendo à tona poéticas tão díspares, e que constituí uma pequena parte do complexo corpo das literaturas nas Amazônias (SOUZA, 2021, p. 9).

O anuário é entendido como uma antologia como reunião de textos de autores conforme uma perspectiva geográfica, ou seja, o critério estabelecido é meramente ligado ao espaço da produção dos poemas. Poetas nascidos e/ou residentes no estado enviam textos para o organizador após uma chamada pública para publicação.

No regulamento da quinta edição do Anuário, lemos que o objetivo da publicação é “registrar (livro impresso) o momento atual da POESIA PARAENSE. Portanto, um projeto aberto a todos(as) os(as) poetas residentes no Pará ou mesmo que nasceu no estado do Pará, mas que se encontram radicados(as) em outras federações”⁵.

O regulamento diz ainda que

[...] poderão participar poetas maiores de 18 anos, sem restrições ao sexo, raça, credo religioso ou opção política. Cada participante terá direito a 02 (duas) páginas no **V ANUÁRIO DA POESIA PARAENSE - 2019**, ambas para a publicação do(s) poema(s) com no máximo 25 versos cada poema ou um único poema de mais de 30 versos e, no rodapé de uma das páginas uma minibiografia, com no máximo 6 linhas; Quanto ao(s) poema(s) inscrito(s) não há obrigatoriedade de ineditismo, o importante é que não ultrapasse o limite de versos (*grifos no original*)

Após realizar a inscrição, o que confirma publicação dos poemas no Anuário é o pagamento de um valor predefinido, como se vê também no regulamento:

os autores devem realizar **OBRIGATORIAMENTE** a aquisição de dois exemplares do **V ANUÁRIO DA POESIA PARAENSE - 2019**, no valor simbólico de R\$ 20,00 (cada unidade) e mais o pagamento de R\$ 10,00 como taxa de envio dos livros a seu endereço, somando-se assim o custo de R\$ 50,00, o que lhe dará

⁵ blog do Paulo Vasconcelos: <https://paulovasconcellospv.blogspot.com/2019/02/v-anuario-da-poesia-paraense-2019.html>.

DIREITO A DOIS EXEMPLARES DO V ANUÁRIO DA POESIA PARAENSE - 2019. Esse valor de R\$ 50,00, que garante a participação do autor inscrito (*destaques no original*).

Se não há exigência de nenhum critério pré-estabelecido, além da naturalidade ou residência do poeta, logo não há, também, nenhuma curadoria para julgar os poemas quanto à relevância do texto ou à estética e temática adotadas. Esta forma de seleção coligida pelo organizador atende plenamente ao escopo desejado para o Anuário, que é — como já exposto — o registro e publicação da atual produção poética do estado do Pará. Entretanto, esbarra em uma problemática que deve ser levantada: o caráter qualitativo do que é publicado.

Elisa Helena Tonon (2009, p. 12) mostra em seus estudos sobre antologias que outros autores também já trilham um caminho semelhante ao seguido por Airton Sousa, como Andrade Muricy, organizador da antologia intitulada *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, publicada no ano de 1952, em três volumes, que reúne dezenas de poetas e ultrapassam as 300 páginas.

Muricy, diferente de outros antologistas da mesma época, não se interessou em reunir os melhores poemas, mas sim em criar um volume que abrangesse todo o simbolismo, pois o próprio diz que “urgia apresentar o movimento na sua vastidão, na sua complexa rede de correntezas subterrâneas.” (MURICY, *apud* TONON, 2009, p. 13). Elisa Tonon afirma que:

para Muricy era evidente a necessidade de documentar as produções do período em questão, de arquivar material para pesquisas e investigações posteriores. Nesta concepção, o exemplar não se restringe aos autores que triunfaram em seu trabalho, mas compreende também os epígonos, os obscuros, os secundários, os menores como formas

representativas de uma época. Ainda que não sejam as mais nobres, estas formas possuiriam valor documental equivalente (TONON, 2009, p. 13).

A autora continua dizendo que Muricy não hesitou ao criar sua obra mesmo frente à possibilidade de uma criação “irregular, informe tanto por sua extensão quanto pelas disparidades que poderia conter”. Ao contrário, mostrou-se consciente do que expusera, quando diz que “um organismo literário tem sempre muito de monstruoso. Pode um dragão possuir cauda de réptil e, entretanto, ser dotado de possantes asas... Um autor secundário apresenta muitas vezes aspectos grandemente reveladores” (MURICY, *apud* TONON, 2009, p. 17).

Uma antologia constituída desse modo se encaixa na concepção de *arquivo* pensado por Derrida que:

[...] se constitui através do acúmulo, da estocagem que objetiva registrar, salvar, tornar certo material disponível para o futuro, como aposta, como penhor. [...] O arquivo, portanto, mais que uma coisa do passado é justamente o que põe em questão a chegada do futuro, como possibilidade. Derrida nos diz que não sabemos estritamente o que o arquivo quer dizer, isso saberemos no por-vir. Ao tratar de arquivo, tratamos da questão de “uma resposta, de uma promessa e de uma responsabilidade para amanhã” (DERRIDA, *apud* TONON, 2009, p. 8).

Assim, ainda que esta maneira de seleção possa afetar a qualidade dos textos publicados e — consequentemente — o valor subjetivo/literário da publicação, nota-se que é de grande relevância para catalogação do que se quer registrar, além de constituir uma fonte histórica de excelente valor, dando oportunidade para que os futuros estudiosos examinem não somente o que outros disseram que era bom, mas toda a literatura, tendo, assim, liberdade para tecerem suas próprias críticas acerca de determinadas produções literárias.

O volume 7 do Anuário foi o primeiro organizado com financiamento público (através dos recursos da lei Aldir Blanc e do prêmio Eduardo Castro de Literatura) e foi também o primeiro a ter restrições quanto à participação. Mais de 180 poetas enviaram textos para a publicação. Como critério para selecionar poetas a serem publicados, a participação nas edições anteriores estava elencada.

Anuários, antologias e polêmicas à parte

Além de ser entendido num cenário artístico e literário amplo apresentado no início deste texto, o Anuário também pode ser lido como uma dentre as tantas publicações antologias publicadas na região sul e sudeste (cerca de 15 antologias desde 2000) ou no estado do Pará (cerca 25 desde 2000). A maioria delas nascendo com a proposta de ser contínua ou periódico, mas destas apenas o Anuário permanece sendo pública e sem interrupções. Sendo também a única a passar de 4 edições.

Uma destas antologias gerou uma bela polêmica pelas redes sociais. Trata-se da *Antologia da Poesia Paraense Volume I*, organizada pelo poeta Ronaldo Franco e campeada pela Editora Pará.grafo através de um financiamento coletivo. A antologia já apresentava os nomes dos autores participantes desde a primeira divulgação pública para atrair pessoas interessadas em participar do financiamento coletivo, comprando exemplares antecipados, por exemplo. Foi logo após as primeiras reportagens serem divulgadas nos jornais de Belém (de circulação estadual) que a polêmicas começaram.

Fernando Bertoni (2020) tentou capturar alguns diálogos e reproduzi-los numa postagem em seu blog. Segundo ele, primeiro um dos vinte autores participantes da antologia não gostou de ter seu nome omitido pelas reportagens. Depois foram questionados os critérios da escolha, que foram

apresentados por um dos participantes em entrevista para logo depois a confusão girar em torno de autores que, contemplados por estes critérios, não estavam na seleção. Bertonini declara que gostou da resposta “forte e irônica” da Editora Pará.grafo: “É uma Antologia, Edmir. Não um sistema de castas. O projeto não tem nenhuma intenção de hierarquizar os volumes, mas torná-los igualmente relevantes e interessantes para o leitor”.

Foi quando a polêmica respingou também no Anuário da Poesia Paraense. O poeta Juraci Siqueira apresentou via Facebook uma enorme explicação sobre os motivos que o levaram a declinar de participar da antologia organizada por Arnaldo Franco. Para tanto, justificou e enumerou os tipos de antologias existentes. Dentre elas, aquelas que o autor denominou de caça-níqueis, pois os autores custeiam sua cota de participação. Não é possível afirmar que a crítica tenha sido dirigida ao Anuário, como sugere uma postagem posterior do próprio Juraci, cuja opinião sobre Antologias cooperativas é conhecida desde a década de 1990. Mas o organizador do Anuário entrou em defesa da publicação:

Doa a quem doer, o trabalho em torno do Anuário da Poesia Paraense é um trabalho sério, comprometido com a possibilidade de ouvir vozes. É independente, feito por todas as mãos que se juntam, a cada ano, para não deixar ele morrer. São quase 7 anos. O custo que cada escritor paga, e isso não deixa esse projeto ser uma antologia caça-níquel como definem alguns, mal dar para pagar a impressão.

O debate ainda poderia render muito. O assunto não pode ser considerado encerrado. Porém, polêmicas à parte, ou polêmicas fazem parte. Na missão e no ativismo literário campeado no estado do Pará e, especialmente, na região Sul e Sudeste do Pará, o Anuário da Poesia Paraense vai se firmando com o compromisso de mapear, arquivar e disseminar a produção literária em meio a um momento adverso para as artes e cultura no que se refere ao poder público, mas num

cenário artístico e literário profícuo e em constante expansão.

Referências:

Referências dos Anuários:

SOUZA, Airton (Org.). *I Anuário da Poesia Paraense*. Belém: Literacidade, 2015.

SOUZA, Airton (Org.). *II Anuário da Poesia Paraense*. Marabá: Literacidade, 2016.

SOUZA, Airton (Org.). *III Anuário da Poesia Paraense*. Bragança: Pará.grafo Editora, 2017.

SOUZA, Airton (Org.). *IV Anuário da Poesia Paraense*. Belém: Folheando, 2018.

SOUZA, Airton (Org.). *V Anuário da Poesia Paraense*. Belém: Folheando, 2019.

SOUZA, Airton (Org.). *VI Anuário da Poesia Paraense*. Bragança: Pará.grafo Editora, 2020.

Referências dos prefácios:

SAVARY, Olga. I Anuário da Poesia Paraense. In: SOUZA, Airton (Org.). *I Anuário da Poesia Paraense*. Belém: Literacidade, 2015. p. 5-7 (prefácio).

SOUZA, Airton. Dos caminhos & outras flores. In: SOUZA, Airton (Org.). *II Anuário da Poesia Paraense*. Marabá: LiteraCidade, 2016. p. 7 (prefácio).

SOUZA, Airton. Das possibilidades de fazer história. In: SOUZA, Airton (Org.). *III Anuário da Poesia Paraense*. Bragança: Pará.grafo Editora, 2017.

SOUZA, Airton. A interconexão de vozes poéticas na poesia paraense. In: SOUZA, Airton (Org.). *IV Anuário da Poesia Paraense*. 1. ed. Belém: Editora Folheando, 2018.

SOUZA, Airton. Da necessidade de continuar... In: SOUZA, Airton (Org.). *V Anuário da Poesia Paraense*. Belém: Folheando, 2019.

SOUZA, Airton. Das vozes e suas necessidades. In: SOUZA, Airton (Org.). *VI Anuário da Poesia Paraense*. Bragança: Pará.grafo Editora, 2020.

Outras referências:

BERTONI, Fernando. *Haroldos, botos & antologias: uma crônica da poesia paraense*. Publicado em: 15 ago. 2020. Disponível em: <http://literaturadonorte.blogspot.com/2020/08/haroldos-botos-antologias-uma-cronica.html>.

BORGES, Cláudia. “*Sarau da Lua Cheia*” completa um ano. Publicado em 11 fev. 2014. Disponível em: <https://www.hiroshibogea.com.br/sarau-da-lua-cheia-completa-um-ano/>.

GUIDOTTI, Clarissa Garcia. *Antologias: Teoria, crítica e história da literatura*. CAMPOS, v. 206, 2010. p. 207.

SERRANI, Silvana. *Antologia: escrita compilada, discurso e capital simbólico*. Alea: Estudos Neolatinos, v. 10. 2008. p. 270-287.

TONON, Elisa Helena. *Configurações do presente: crítica e mito nas antologias de poesia*. Florianópolis, UFSC, 2009.

VASCONCELOS, Paulo. *V anuário da poesia paraense — 2019: inscrições abertas*. Blog do Paulo Vasconcellos — poeta, Capanema, 27 de fev. 2019. Disponível em: <https://paulovasconcellospv.blogspot.com/2019/02/v-anuario-da-poesia-paraense-2019.html>. Acesso em: 2 jul. 2021.

[Recebido: 15 jul. 2020 — Aceito: 20 ago. 2020]